

A Escrita de Si: A Compreensão do Mundo pela Beleza dos Versos e Reversos Poéticos

Self Writing: Understanding the World through the Beauty of Poetic Verses and Reverses

Euzemar Fátima Lopes Siqueira¹

 <https://orcid.org/0000-0001-9870-9154>

Resumo

Escrevivência é um termo que foi criado pela escritora Conceição Evaristo para descrever a experiência de vida e escrita da sua resistência e resiliência diante das adversidades, para trabalho foi usado esse termo com vistas a mostrar a escrita de si. Diante desse aspecto, o objetivo deste artigo foi demonstrar a importância de integrar a literatura, a arte e sua relação com a geografia contemporânea, a partir da vivência da autora e sua aplicabilidade no ensino escolar de geografia. Portanto, a metodologia usada foi a autobiografia, desenvolvido a partir da vivência com a poesia e no intuito de compreender o gênero poético. Assim foi elaborada a oficina “Literatura pela Geografia: Ateliê de Poesia, na XXII Semana da Geografia-UFMT - A Geografia Contemporânea face aos Desafios Locais e Perspectiva Globais”. Incluindo o uso de técnicas manuais, como o bordado de poesias e a apresentação de bonecos que representam poetas e poetisas da região metropolitana do vale do Rio Cuiabá e seu entorno, no estado de Mato Grosso. Como resultado, observou-se um maior envolvimento dos participantes com a elaboração de poesias de cunho próprio, bem como um reconhecimento da necessidade de abordar as narrativas geográficas, a arte e a poesia como forma de estimular nos estudantes o hábito de leitura e escrita.

Palavras-Chave: Arte; Geografia; Escrita de Si; Literatura; Poesia.

Abstract

"Escrevivência" is a term coined by the writer Conceição Evaristo to describe the experience of life and writing her resistance and resilience in the face of adversities. This term was employed in this work to showcase the self-writing process. In this context, the aim of this article was to demonstrate the importance of integrating literature, art, and their relationship with contemporary geography, drawing from the author's experiences and its applicability in school geography education. Therefore, the methodology adopted was autobiography, developed through experiences with poetry and with the intention of understanding the poetic genre. Consequently, the workshop “Literature through Geography: Poetry Atelier” was organized at the XXII Geography Week at UFMT - Contemporary Geography in the Face

¹ Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso (2011), Professora Efetiva da Secretaria de Estado de Educação (Seduc - MT), eflsiqueira@gmail.com.

of Local Challenges and Global Perspectives. This included the use of manual techniques such as poetry embroidery and the presentation of dolls representing poets from the metropolitan area of the Cuiabá River Valley and its surroundings in the state of Mato Grosso. As a result, there was greater participant engagement in creating their own poems, as well as a recognition of the need to address geographic narratives, art, and poetry as ways to stimulate reading and writing habits among students.

Keywords: Art; Geography; Self Writing; Literature; Poetry.

Introdução

“O mais difícil, mesmo, é a arte de desler”.
Mario Quintana

Como diz a epígrafe do Poeta Mario Quintana “o mais difícil, mesmo é a arte de desler”, em um país tão diversos como o Brasil, onde a colonização trouxe consigo a imposição de uma cultura eurocêntrica, as manifestações culturais pré-existentes foram muitas vezes desconsideradas ou até mesmo rotuladas como "cultura menor". Esse fenômeno foi especialmente evidente durante o período republicano, quando: “no contexto da ordem republicanas, a hegemonia do chamado padrão culto e a repressão e desqualificação das variedades populares deram-se sobre a falácia da construção de uma língua nacional para todos” (Carboni; Maestri, 2003, p. 49).

As narrativas literárias constituem uma das formas de valorização local através das quais o processo decolonial ocorre, desmistificando longos períodos nos quais, inclusive em espaços escolares, os conteúdos ensinados eram predominantemente voltados para a cultura dos colonizadores, exaltando o eurocentrismo e valorizando exclusivamente suas histórias.

Nesse sentido, a decolonidade indica que a sociedade moderna é composta por diversas características fundamentais: a) colonialidade do poder; b) Eurocentrismo; e c) Capitalismo. Esses elementos condicionam a vida de todos os seres humanos que habitam este planeta.

O estado de Mato Grosso está inserido nesse processo por ser uma das unidades federativas do Brasil. Por muito tempo, foi considerado um espaço isolado devido à dificuldade de acesso. Mas, com a política de integração, uma das ações ocorreu no ano de 1977, com divisão do estado, o que intensificou a colonização por empresas privadas e atraiu muitos migrantes, passando pelo processo de territorialização, desterritorialização e reterritorialização.

Nesse movimento, as culturas se entrelaçam, mas aflora o sentimento de pertencimento e a busca por compreender melhor quem somos culturalmente nesse processo. Como diz o verso da canção "Falar cuiabano" da poetisa Edna Maria Maciel Vilarinho: *“Todo mundo tem sua fala, cuiabano também tem. O Brasil é muito grande, mas aqui é que eles vêm”*.

Diante deste aspecto, o posicionamento contra colonial vem ocorrendo pelas narrativas geográficas expressas nas poesias contemporâneas, proporcionando o despertar e o fortalecimento, pois a poesia pode ser um instrumento de empoderamento neste movimento.

O método utilizado foi a autobiografia fundamentada na pesquisa narrativa, uma vez que envolve a vivência da autora e dos participantes da oficina. Estes são sujeitos inseridos dentro de um contexto social, e suas experiências com as poesias acontecem em momentos distintos, uma experiência conduzindo a outra.

Desta forma, Clandinin e Connelly apontam sobre o pensamento do filósofo John Dewey:

Dewey entende que um critério da experiência é a continuidade, nomeadamente, a noção de que a experiência se desenvolve a partir de outra experiência e de que experiências levam as outras experiências. Onde que alguém se posicione nesse continuum- o imaginado agora algo imaginado no passado, ou um imaginado futuro – cada ponto tem uma experiência passada como base e cada ponto leva a uma experiência futura. Esse é também, um pensamento chave para nossas reflexões (Clandinin; Connelly, 2015, p.30)

Para Clandinin e Connelly (2015), a tridimensionalidade articulada na pesquisa social se torna a metamorfose necessária para a pesquisa com este cunho, sendo a primeira, a temporalidade; a segunda, o pessoal e o social; e a terceira, o lugar. Oliveira (2020) corrobora ao considerar que os participantes vivenciam um processo de desconstrução do mundo “a partir do autoconhecimento e do conhecimento de suas realidades coletivas e individuais, ou seja, de suas realidades sociais” (p. 35).

Este artigo foi estruturado em seções que abordam: A narrativa geográfica pela arte e literatura, um tecer necessário para o firmamento decolonial, discorrendo sobre o processo decolonial. Segue-se com a escrita de si, em um texto autobiográfico intitulado "A Escrivência e a Poesia na Transformação", apresentada aos leitores a trajetória da autora com a literatura, arte e poesia.

Apresentando como foi desenvolvido a oficina no item - Ateliê de Poesia: o diálogo metafórico a partir de um encontro (oficina) a) Representação poética a partir de personagem local. b) Bordando poesia: uma técnica libertadora e as considerações finais demonstrando os resultados favoráveis a realização de ações que permitem o extravasar das emoções, a partir da arte, literatura e poesia.

Narrativa geográfica pela arte e literatura: um tecer necessário para o firmamento decolonial

A narrativa, seja expressa por palavras ou imagens, retrata eventos reais ou imaginários que se encadeiam de alguma forma. Haesbaert (2012 p.143) sistematizou em uma de suas escritas que, no início dos anos 1990, elaborou um dossiê intitulado "Pela Liberdade Criadora: Geografia Linguagem Poética". O autor considerou o documento muito ousado para a época, pois ainda persistem resquícios de uma das fases do pensamento geográfico que se caracterizava pelo estatuto "científico" da disciplina, com a lógica dialética como uma de suas marcas. Temendo cair no extremo oposto, o autor recuou, guardando o dossiê no fundo do baú e suas histórias que constituíam seu lado poético e geográfico.

Atualmente, os geógrafos e as geógrafas são convidados a incorporar nas escritas suas narrativas poéticas, o oposto do que aconteceu com o autor nos anos 1990. Chaveiro (2015) destaca que a intersecção da geografia e da arte na pesquisa qualitativa possibilita captar os sentidos, significados e perspectivas territoriais moldados pelos conflitos existenciais dos sujeitos sociais. Ele ressalta que várias pesquisas buscam compreender a ação de sujeitos sociais, grupos culturais, etnias, trabalhando em diversos temas que exploram suas subjetividades e simbologias. A arte tem o poder de iluminar dimensões encobertas das paisagens, dos lugares e dos territórios.

Cunha (2019) colabora que as histórias de vidas compõem a identidade cultural das pessoas individual e ou coletivamente em sua mobilidade existencial.

As histórias de vida das pessoas que estão a viver o deslocamento e o paradoxo de estar num lugar desejando, permanentemente, estar em outro lugar, revelam bem que as descrições genéricas sobre determinada identidade/cultura sobre a qual se projetam determinados atributos são apenas pedaços incompletos da complexidade cultural e identitária presente em cada uma delas (Cunha, 2019, p.27)

As histórias vão construindo as identidades culturais, de modo que o mundo passa a ser pensado a partir da autonomia dos povos, dos lugares e dos territórios. Porto-Gonçalves (2010) destaca a importância de se considerar o mundo numa perspectiva emancipatória, a partir do “*locus*” da América, principalmente daqueles lugares onde se constituíram os povos originários, os povos afro e os mestiços. Esses grupos foram excluídos da riqueza, mas não das relações de poder exercidas sobre eles. É fundamental compreender essa dinâmica para buscar outros horizontes e efetivar a transformação.

Desta forma, Carboni e Maestri (2003) explicam que:

A consciência do mundo é uma aproximação- apropriação do mundo. Ela não é, porém, o próprio mundo. Expressão de consciência, a linguagem é representação conceptual, relativamente compartilhada pelos membros de uma comunidade falantes (p. 104).

Assim segundo Haesbaert (2012):

A poesia é gratuita “não tem finalidade”, sua utilidade é sua inutilidade: mostrar ao mundo da produção e do consumo a seu contra - face, oculta, sufocada - o mundo da imaginação e da sensibilidade, “incontrolável” o mundo dos sentidos do qual a razão nunca via tomar posse (p.23).

Desse modo, na construção decolonial, a transformação do mundo começa pela conscientização dos sujeitos coletivos, pela sua consciência de classe social, por suas reflexões e pela poesia. A poesia é um gênero literário que permite ao poeta expressar seus sentimentos e emoções em versos e poemas, a partir de suas narrativas poéticas e geográficas.

A escrevivência e a poesia na transformação do ser

Antes de discorrer a seção, vale mencionar sobre a concepção da palavra “Escrevivência”, segundo Duarte e Nunes (2020), foi cunhada por Conceição Evaristo e refere-se à prática de escrever como uma forma de expressar e compartilhar experiências vividas pela própria autora. Sendo assim, essa prática reconhece a importância da narrativa pessoal como uma forma de confrontar estereótipos, reivindicar identidades e promover a inclusão social e cultural.

A experiência literária da pesquisadora em questão teve início na infância, quando sua irmã costumava ler contos dos irmãos Grimm para os seus irmãos e as irmãs, retirados de um livro de capa vermelha com letras azuis. Ao cair da tarde, todos se reuniam na sala em torno de um tapete para ouvir as histórias. A pesquisadora, ao escutar sua irmã, criava em sua mente os cenários descritos nas páginas do livro.

Apesar de seus pais terem tido uma educação formal limitada, eles valorizavam a leitura e adquiriam livros para seus filhos. Ao longo do tempo, a coleção de livros da família foi crescendo, incluindo obras ilustradas que tornavam as histórias ainda mais vívidas.

Além de gostar de ler, a pesquisadora também tem uma paixão pela escrita. Para ela, escrever era uma atividade prazerosa, uma vez que, sendo uma criança introvertida, encontrava na escrita uma maneira de expressar seus sentimentos. Vale mencionar que, Martins (2000) sugere que a leitura (que pode ser interpretada como escrita) se torna uma válvula de escape, contribuindo para o relaxamento de tensões e a compreensão de sentimentos complexos.

Ao preferir o desligamento de si e a imersão no universo do que é lido, deixa-se de estabelecer as relações necessárias para possibilitar a diferenciação e compreensão tanto do contexto pessoal e social quanto do ficcional ou mistificador da realidade (p. 59).

Nesse sentido, ressalta-se que a presente autora teve seu primeiro contato com a poesia durante a antiga sexta série, quando o professor Parrom, que lecionava matemática, substituiu um dia a professora de português. Este parecia despreparado, pois não deu continuidade ao conteúdo que estava sendo ensinado naquele momento e decidiu ensinar sobre poesia. Ele explicou o gênero, recitou algumas poesias e ensinou sobre a rima, a combinação de palavras semelhantes, presente nos versos e poemas.

A aula foi fascinante, e quando o professor pediu para que escrevessem poesias, foi o momento que a pesquisadora deixou sua imaginação voar. Aprendeu com facilidade e ajudou seus colegas de classe a fazerem rimas e escrever em versos.

Portanto, o interesse pela escrita no gênero da poesia foi ainda mais despertado por situações vividas em sua vida, como a mudança de casa com a família do centro histórico da cidade para um bairro distante. Foi nesse momento que teve início os registros de tudo o que lhe acontecia em um diário, muitas vezes em forma de poesia, pois isso lhe trazia liberdade e reflexão sobre as transformações em seu cotidiano.

Uma de suas poesias foi publicada nos anais do evento "V Seminário de Recursos Hídricos de Mato Grosso: Água, até quando?", organizado para comemorar o Dia da Água. Segue a poesia "Água":

Água
Água direito de todos
Água direito de ninguém
Água é fonte de vida
Água que nos convém
Convém saber usar
Para não faltar
E para isso é só preservar
Água Direito de ninguém
Água Direito de todos
Água é fonte de vida
Vida depende da Água
Água não depende da vida.

A poesia "Água" foi comparada à poesia do poeta Carlos Drummond de Andrade, pois nutria admiração por ele e sua obra tinha significado especial em sua vida. Coincidentemente, essa nasceu no mesmo dia que o poeta, e quando ele ainda estava vivo, sua poesia frequentemente aparecia nos noticiários e era recitada pelos apresentadores.

Com o passar do tempo, a pesquisadora/autora foi incentivada a publicar suas poesias em livros de coletâneas de poesia, denominado "Antologia de Poetas Brasileiros Contemporâneos", coordenado pela Câmara Brasileira de Jovens Escritores.

Porém, a pesquisadora se sentiu instigada a iniciar um diálogo sobre narrativa e poesia com o professor Eguimar Chaveiro, que lhe chamava atenção para a conexão entre geografia e literatura. Durante a pandemia, participou de diversos encontros virtuais sobre essa temática, principalmente junto ao Grupo de Pesquisa Espaço, Sujeito e Existência (Dona Alzira) /Instituto de Estudos Socioambientais (IESA/UFG/Brasil). Esses encontros complementam as discussões do Grupo de Estudos e Pesquisas em Política e Formação Docente (GEPForDoc) - CNPq, coordenado pela Professora Filomena Arruda Monteiro na UFMT, que focava em pesquisas narrativas consideradas tridimensionais: temporal, relacional e contextual. Ponderando o tempo e o lugar: "há uma busca, nesse processo, para entender a si mesma no convívio com os outros que, ao provocar mudanças uns nos outros, desencadeia aprendizagens coletivas" (Monteiro, 2020, p.1).

A partir desses encontros virtuais no grupo Dona Alzira, esta passou a ter um olhar diferenciado para as composições poéticas de Edna Vilarinho, uma compositora regional de músicas para corais do órgão de governo e escolas. Diante de todas as discussões, ela percebeu que não conhecia os poetas e poetisas de sua terra, enquanto as composições de Edna Vilarinho retratavam a cultura e a paisagem de Mato Grosso, assim como o poeta popular Zé Bolo Flô, inserindo no contexto o poeta cuiabano Manoel

de Barros, conhecido nacional e internacionalmente, e a poetisa Luciene de Carvalho, que recebeu o título de cidadã Cuiabá. Essas reflexões serão abordadas na próxima seção.

Ateliê de poesia: o diálogo metafórico a partir de um encontro (oficina)

A oficina “Ateliê de poesia: o diálogo metafórico a partir de um encontro” foi idealizada a partir de uma viagem da autora ao município de Cidade de Goiás – GO, para participar do IV Encontro Regional da Educação do Campo do Centro Oeste- ERECCO ocorrido de 24 a 27 de maio de 2023.

Ao percorrer os caminhos de Cora Coralina, pois o evento aconteceu na cidade natal da poetisa, a pesquisadora/autora se encantou com as ruas exibindo placas com poesias dos poetas e poetisas locais, além das lojas de artesanato onde havia bonecas de pano da renomada poetisa, referência tanto local quanto mundialmente reconhecida por suas características na escrita.

O ERECCO teve como objetivo conectar e interagir todos os povos das águas, das florestas, do cerrado, do campo, das aldeias e quilombos que compõem a diversidade da Educação do Campo na região centro-oeste. Durante esse evento, surgiu a oportunidade de apresentar poesias, sendo um dos poucos eventos a proporcionar esse tipo de atividade. Além disso, foi ofertada uma oficina de Bordado, onde as poesias eram lidas e depois bordadas em tecido de algodão cru usando o ponto corrente.

Ao retornar do encontro da Cidade de Goiás, iniciou-se um diálogo com as professoras que atuam nas escolas do campo, compartilhando o que foi visto e ouvido no IV ERECCO, principalmente sobre o eixo; outras linguagens: poesia, vídeo e fotografia. A partir desse diálogo, surgiu a ideia de propor uma oficina sobre o que foi aprendido em um encontro da Educação do Campo, pois o campo em si é uma poesia e as pessoas que lá vivem possuem uma pureza "ingênuas", cuja sensibilidade aflora.

Assim, a oportunidade de oferecer esta oficina surgiu na XXII Semana da Geografia- A Geografia Contemporânea face aos Desafios Locais e Perspectiva Globais, que aconteceu no mês de setembro de 2023, proporcionada pelo Departamento de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT.

Justifica-se a realização desta oficina com foco na literatura por contribuir para o ensino de geografia devido à sua relevância, uma vez que possibilita ao estudante perceber a totalidade. A partir do desenvolvimento de uma proposta didática para as aulas de geografia. Segundo Santos, Silva e Fontes (2017).

O processo de ensino e aprendizagem é imbuído de uma série de significados. O ato de ensinar e, sobretudo, de aprender, é carregado de buscas e muita reflexão. Educar não é um ato de transmissão de saberes, pois, nesse processo, tanto professor quanto alunos se envolvem num movimento contínuo de troca. Procurar buscar e utilizar metodologias que assegurem não só o conteúdo, mas a garantia da aprendizagem por parte do aluno, tornando o ensino de Geografia mais prazeroso e, sobretudo, atraente (p.251)

Chaveiro (2020) corrobora que existe uma dimensão política no fazer literário e uma dimensão literária na geografia. Este autor vê o próprio ser humano como linguagem.

Inseparável da linguagem, o viver é um dizer espesso - estendido; o dizer esclarece a vida. Ao dizer o sujeito se constitui para o Outro e para si. Estabelece relações, interroga, decide, afirma valores, aprende, abre-se como Potência. É devir. Devir histórico (p. 179).

Assim, trabalhar com poesia, poemas e versos que demonstram a dimensão humana, a dimensão ambiental e a dimensão sociocultural evidenciam o fortalecimento da identidade local e territorial.

Para a realização da oficina, foram convidadas as professoras das escolas do campo, pois o convívio com a natureza sempre traz inspiração para a poesia. Desta forma, as professoras Roselene Maruyama e Marili Almeida trouxeram suas contribuições para a efetivação da oficina. No primeiro momento, houve uma rodada de apresentações em que todos expressaram seu interesse pela oficina e compartilharam como se tornaram poetas e poetisas.

A professora Rosilene é poetisa e relatou que, inicialmente, não tinha muito interesse pela poesia até que recebeu um livro de poesia de autoria do poeta Manoel de Barros. Encantou-se com a forma diferenciada de sua escrita e, em sua dissertação de mestrado em Geografia, escreveu uma poesia para cada mulher que participou da pesquisa. Hoje, ela ama escrever poesia. A professora Marili Almeida, por sua vez, disse ser apaixonada pela cultura tradicional e trabalha com projetos culturais em sua cidade, Jangada. Embora tenha tentado escrever poesia, ainda não fluía para ela.

A partir dos depoimentos, os participantes foram se apresentando e compartilhando como se tornaram poetas e poetisas e o despertar para a poesia. Alguns disseram que se identificam com a poesia e a arte desde sempre, pois estas estão presentes em seu ser. Além de escreverem, participam de batalhas de *RAP*, também conhecidas como batalhas de rimas, onde as frases ou versos são improvisadas e ocorrem geralmente em lugares abertos, como praças, e ao vivo. Outros disseram que a poesia tinha tudo a ver com eles e que, de alguma forma, já escreviam. Alguns até tinham poesias publicadas e era uma prática comum em suas famílias, outros participaram por curiosidade, mas não se identificavam com a prática de compor poesias.

Um dos participantes lembrou da escrita poética praticada pelo geógrafo Aziz Ab'Sáber, que dedicou seus estudos à geografia física. Escrever sobre paisagem, por si só, já é uma poesia. Após as reflexões, os participantes foram convidados a escrever uma poesia coletiva, mas preferiram escrever individualmente. Apenas duas participantes se dispuseram a escrever conjuntamente. Diante dessa preferência pela escrita individual, foram convidados a ler suas poesias para que todos pudessem conhecê-las, e as pessoas que não se identificavam com a poesia deixaram fluir poesias lindas e sinceras, expressando seu próprio ser relacionado à geografia.

Ao desenvolver habilidades com a confecção de bonecas de pano, inspirada pelo que vi, e vivenciei na cidade de Goiás a presente autora selecionou alguns personagens para compor a oficina, esse momento foi abordado no próximo tópico.

Representação poética a partir de personagem local

Para movimentar a oficina, inspirada nas bonecas de Cora Coralina, trouxe-se a proposta de confeccionar bonecos e bonecas que representassem a poesia local. Desta forma, foram eleitas as seguintes personagens: "Zé Bolo Flô" e Edna Maria Maciel Vilarinho, representantes da poesia e da música.

Cavalcanti (2009) aponta que a relação entre poesia e música ocorre desde a antiguidade. Ele destaca que na Grécia Antiga, a poesia era composta para ser entoada pelos respaldos sendo considerada inseparável. Este autor observa que a palavra "lírica" está ligada ao "poema lírico", significava, originalmente, certo tipo de composição literária feita para ser cantada, fazendo-se acompanhar por instrumento de cordas, de preferência a lira." (p. 30).

O poeta popular José Inácio da Silva, conhecido pelo apelido "Zé Bolo Flô", declamava e cantava suas poesias na Praça da República, na cidade de Cuiabá-MT. Essas poesias eram escritas pelos estudantes secundaristas da Escola Estadual Liceu Cuiabano, e ele as trocavam por comida para saciar sua fome.

Apesar de parte da elite reconhecê-lo como uma figura importante, Zé Bolo Flô também participava dos blocos carnavalescos da cidade. Sua vida foi tema de pesquisa em uma tese de doutorado e de um livro intitulado "Zé Bolo Flô: De Andarilho a Poeta Cuiabano", escrito por Francisco C. da Rocha.

Elegemos a poetisa Edna Maria Maciel Vilarinho, cujas composições refletem suas vivências e destacam a cultura regional, como em seu poema "As Belezas Mato-grossenses", onde declara que o luar de Cuiabá é doce e que falar cuiabano não pode ser esquecido. Graduada em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Edna fez estágio em Strasbourg, na França. Sua formação também incluiu canto coral e regência, e ao longo de sua trajetória, ela se dedicou à composição regional, escrevendo músicas para corais, participando de corais oficiais e escolares.

Segue uma poesia de Vilarinho:

CUIABANO DE CHAPA E CRUZ

I

Sou gente boa, cuiabano de chapa e cruz
O chê e gê não me envergonho de falá
Num tô somano se o povo ri de mim
Eu sou feliz, trabalhado e sei cantá.
Eu escancaro todas as porta de m'ea casa
Que não é um bangalô, mas também não é chinfrim
Eu escancaro as janelas do meu peito
Pra aquela gente que também gostá de mim.
Num sei s'ocê sabe, caí no tijuco
Agora o qu'esse, vote, figa, uai é?
Vige m'ea Nossa! Que arrumação!
Num há de vê, esse minina, o tropé.
(Vilarinho, CD Coral de Mato Grosso, 2003.)

Para manter a paridade, elegemos dois poetas do Pantanal: Manoel de Barros, nascido em Cuiabá-MT, mas que desde jovem foi viver em Corumbá-MS. Toda a sua inspiração veio do bioma Pantanal. A poetisa Luciene de Carvalho, nascida em Corumbá-MS, mudou-se para Cuiabá-MT ainda menina. Suas poesias trazem a luta da mulher negra e seu lugar na sociedade, tendo como inspiração o lugar onde escolheu viver, Cuiabá-MT. Assim, em caminhos reversos, se fez a poesia desses escritores da literatura brasileira.

Manoel de Barros foi escritor e pertence à terceira geração modernista, denominada “Geração 45”. É considerado um dos maiores poetas do país, tendo recebido vários prêmios literários, destacando o “Prêmio Jabuti” por duas vezes, com as obras "O Guardador de Águas" (1989) e "O Fazedor de Amanhecer" (2002). Sua primeira obra foi publicada em 1937, intitulada "Poemas Concebidos sem Pecado". Conhecido mundialmente e por sua característica de escrita diferenciada, tornou-se um autor muito pesquisado pelas academias. Segue um poema de Manoel de Barros:

O menino que carregava água na peneira
Manoel de Barros

Tenho um livro sobre águas e meninos.
Gostei mais de um menino
que carregava água na peneira.
A mãe disse que carregar água na peneira
era o mesmo que roubar um vento e
sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.
A mãe disse que era o mesmo
que catar espinhos na água.
O mesmo que criar peixes no bolso.
O menino era ligado em despropósitos.
Quis montar os alicerces
de uma casa sobre orvalhos.
A mãe reparou que o menino
gostava mais do vazio, do que do cheio.
Falava que vazios são maiores e até infinitos.
Com o tempo aquele menino
que era cismado e esquisito,
porque gostava de carregar água na peneira.
Com o tempo descobriu que
escrever seria o mesmo
que carregar água na peneira.
No escrever o menino viu
que era capaz de ser noviça,
monge ou mendigo ao mesmo tempo.
O menino aprendeu a usar as palavras.
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
E começou a fazer peraltagens.

Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.
O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor.
A mãe reparava o menino com ternura.
A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta!
Você vai carregar água na peneira a vida toda.
Você vai encher os vazios
com as suas peraltagens,
e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos!

Luciene de Carvalho, é escritora e poetisa. Corumbaense de nascimento, vive na capital do estado de Mato Grosso desde 1974. Já recebeu o título de cidadã cuiabana e foi a primeira mulher negra a presidir a Academia de Letras no Brasil, um ato importante para uma ação decolonial entre a literatura. Atualmente, é membro da Academia Mato-Grossense de Letras (AML). Dentre as obras poéticas publicadas, destacam-se:

Forma Original

Luciene de Carvalho

Faço verso porque disseram
que é pra isso que presto,
Não sei se levo isso
como elogio,
como desclassificação como recado.
Faço verso porque quando não dou conta
do resto das coisas do mundo
dou conta de – com minhas mãos –
ir arranjando as palavras
assim, de forma original.
E tudo e matéria-prima
e as palavras contam,
através de minhas mãos,
imagens e rimas.
Me reforço no verso feito.
Me resignifico!
Construo algo maior
que passa a existir no mundo
e o mundo então fica mais rico.
Faço verso
porque é meu melhor produto, porque não tenho escolha,
porque não tem motivo.

(Ladra de Flores, 2012, p. 24)

A poesia, como forma de expressão artística, tem o poder de transcender o tempo e ser eternizada de diversas maneiras. Inspirada pelo que aprendeu no ERRECO, a presente autora viu a oportunidade de proporcionar aos participantes uma forma única de eternizar a poesia: por meio do bordado. Assim, se dispôs a ensinar aos participantes a técnica do bordado, permitindo que eles transformassem as

poesias em belas peças bordadas, criadas por suas próprias mãos. Essa atividade não apenas possibilita a expressão artística, mas também promove a valorização da poesia e da cultura local de uma maneira tangível e duradoura.

Bordando a poesia: uma técnica libertadora

A poesia, segundo Ostetto (2020), é algo libertador e vivenciar a poesia pode contribuir para gerar beleza, encantamento e maravilhas pela arte e sensibilidade na descoberta do mundo em que vivemos. Através dela, pode-se alcançar a convicção de que o adulto educador vivencia plenamente a reflexão sobre o mundo e, a partir disso, ao trabalhar com as crianças em uma construção gradual, acabará se apaixonando por esse processo de experimentar o mundo ao seu redor e, assim, expandirá seu "Ser poético" - sua luz e brilho, muitas vezes perdidos e ofuscados em um cotidiano prosaico, repleto de técnicas, regras e cronogramas definidos, em rotinas formatadas.

Sendo assim, é interessante considerar a possibilidade de nos percebermos como seres poéticos em várias etapas da vida, percebendo que temos um manancial para isso, desde a infância até a fase adulta. Para demonstrar o potencial que a poesia tem de nos impulsionar a compreender o mundo através da beleza das palavras, o diálogo com a poesia pode proporcionar oportunidades para um encontro profundo e novas formas poderosas de perceber a realidade.

Para estar com as crianças de modo significativo, provocando suas linguagens e múltiplas formas de expressão, é preciso descobri-las, conhecê-las no cotidiano. De outra forma, se a criança produz cultura, há que saber reconhecê-la, aprender sua língua, pois a poesia requer outro ouvido, outro olhar, outro ritmo. Enfim, pede uma disposição diferenciada para o encontro poético acontecer e florescer (Ostetto, 2020, p.100).

Ostetto (2020) sugere, através da poesia, ampliar nossa escuta, aprofundar o olhar e permitir a composição da beleza da palavra em sua cadência diferenciada de ritmos. Neste sentido, é impossível dissociar o poema da literatura, arte que tem a palavra como matéria-prima. Brandão (2022), em sua dissertação de mestrado, destaca seu contato com a poesia ao investigar os lenços dos namorados, onde eram bordadas poesias que apresentavam diversidade em sua composição, relatando histórias únicas e registrando em poemas a realidade local e suas marcas sociais vivenciadas.

A intenção é apresentar a poesia a partir da inspiração em Brandão (2022), tecendo em bordados, ou como Borre (2020) chama, poemas bordados, que possam ser elaborados pelas mãos e linhas, construindo reflexões costuradas a cada pontilhado, dando vazão às identidades locais de cada um (professor do campo, da cidade, quilombola, indígena), experiência que pode nos levar ao cotidiano considerado banal, às práticas do dia a dia, àquilo que vemos e sabemos existir por meio da naturalização dos discursos e também ao lugar em que podemos questionar seu direcionamento simplificado e muitas vezes caracterizado pelas desigualdades.

Inspirados na vivência da oficina no ERECO, trouxemos a técnica do bordado de poesia em tecido de algodão cru e o ponto escolhido foi o ponto corrente. O bordado é uma técnica que auxilia na concentração do estudante e é utilizado pedagogicamente em algumas unidades escolares.

Destaca-se que as artes manuais contribuem para o desenvolvimento humano, sendo vistas como práticas de aprendizagem que colaboram com as habilidades motoras, psíquicas, emocionais e relacionais.

Para este momento, foram apresentados os materiais utilizados para bordar, como linha, agulha e bastidores, e explicados os benefícios do bordado e como este pode ser utilizado pedagogicamente. Em seguida, foi solicitado aos participantes que escrevessem a primeira letra do seu nome e iniciaram-se os trabalhos.

Por ser a primeira oficina oferecida nesses moldes, foi solicitado aos participantes que fizessem uma avaliação simples respondendo "que bom", "que pena" ou "talvez", para se ter um parâmetro para o desenvolvimento desta e de outras edições. Obtendo como resposta "que bom", sendo unanimidade, o que demonstrou que a oficina foi satisfatória para o processo de aprendizagem desses participantes.

Considerações finais

A realização desta oficina trouxe respostas às indagações da autora, uma vez que alguns professores realizaram atividades pedagógicas com os estudantes, utilizando os bonecos personagens para declamar poesias de Manoel de Barros. Os depoimentos dos participantes avaliaram positivamente a oficina; pois, agregou novos aprendizados e conhecimentos, com histórias dos poetas e poetisas da região, assim como ouvir as poesias compostas por estes.

Essa atividade proporcionou um outro olhar sobre o mundo na perspectiva da geografia, pois a união da poesia com a geografia permite uma percepção mais humanizada; como, de forma poética possibilita descrever o cotidiano e expressar os sentimentos, assim a aproximação da arte ao ensino de geografia induz o surgimento de novas formas de criar ou representar.

A poesia está ligada à centralidade das emoções dos poetas e poetisas, o que traz o lugar como um dos conceitos da geografia, o mais apropriado para compreender a discussão, visto que tal conceito prioriza as experiências, vivências e sentimentos das pessoas, coadunamos com Alves (2001).

A inserção de técnicas manuais, neste caso o bordado, contribui para a possibilidade de buscar outras atividades para além da tecnologia. Conforme o depoimento da participante: "Foi a minha primeira experiência bordando, super Amei, a dedicação da professora em nos ensinar o bordado, mesmo não tendo base, consegui bordar a letra 'E'. O bordado ajuda a relaxar e quando você consegue fazer é incrível".

Desta forma, colocar as pessoas na centralidade da discussão geográfica e permitir que estas narrem suas vivências por meio da poesia aproxima das questões subjetivas do dia a dia com relação ao espaço geográfico.

Referências

- ALVES, J. H. P. A abordagem do poema. Roteiro de um desencontro. In: DIONÍSIO, Â. P.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **O livro didático de Português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001. p. 62-74.
- BORRE, L. **Bordando afetos na formação docente**. Conceição da Feira: Andarilha Edições, 2020. 210 p.
- BRANDÃO, S. I. D. **Bordar o poema, conquistar identidade - um estudo dos lenços de amor como sinal de afirmação feminina**. Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes, Ramo de Estudos Comparatistas e Relações Interculturais, Faculdade de Letras da Universidade do Porto-Porto, 2022.
- CARBONI, F.; MAESTRI, M. **A Linguagem Escravizada- Língua, história, poder e luta de Classe**- São Paulo, Ed. Expressão Popular, 2003
- CAVALCANTI, L. M. D. Música e poesia em Manuel Bandeira. **Estação Literária**, [S. l.], v. 3, p. 30 - 45, 2009. <https://doi.org/10.5433/el.2009v3.e25216>.
- CHAVEIRO, E. F. A dimensão literária da geografia e a dimensão política da literatura: a mesma face de uma reflexão múltipla. **Revista da ANPEGE**. v. 16. nº. 31, p. 169 – 182. <https://doi.org/10.5418/ra2020.v16i31.11427>.
- CHAVEIRO, E. F. Dizibilidades Literárias: A Dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos. In: **Geograficidade** | v.5, n.1, 2015. <https://doi.org/10.22409/geograficidade2015.51.a12917>.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F.M. **Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. 2. ed. rev. Tradução Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia, MG: EDUFU, 2015.
- CUNHA, T. Mulheres, Identidades e Territórios: as experiências e conhecimento delas. In: FERREIRA, W. A. A.; GRANDO, B. S; PEREIRA; L. C.P.; CUNHA, T. **Mulheres e Identidades: Epistemologias do sul: Mulheres Territórios e identidades**. Curitiba: CRV, 2019.
- DA SILVA, H. M.; DA SILVA, J. M. Escrita de si e memória: a narrativa como testemunho de vidas. **Tabuleiro de Letras**, v. 12, n. 2, p. 82-91, 2018.
- DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. ISBN 978-65-992547-0-3
- EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**, v. 1, p. 26-46, 2020.
- HAESBAERT, R. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, I. E. DE; GOMES, P. C. DA C.; CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e temas**. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 165-2005.
- MARTINS, M. H. **O que é Leitura** 19ª edição Coleção Primeiro Passos São Paulo Editora Brasiliense, 2000.

MONTEIRO, F. M. de A. Entre Experiências e Saberes: Narrativas de Professoras em Exercício nos anos iniciais. **Revista do centro de ciências da educação**. Volume 38, n. 2–p. 01–21, abr./jun.2020–Florianópolis

OLIVEIRA, U. F. de. **Cartografias Ontológicas de Educadoras do Campo da Região do Bico do Papagaio -TO** [manuscrito]: O desvelar do Ser-Estar da mulher na formação docente em Educação do Campo (Tese doutorado) Goiânia - 2020.

OSTETTO, L. E. Entre a prosa e a poesia: fazeres, saberes e conhecimento na educação infantil. In: PILLOTTO, S.S. D.(org.). **Linguagens da arte na infância**– 2. ed. atual. – Joinville, SC: Univille, 2020.

PORTO-GONÇALVES, C. W. De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência Latino-Americano. **GEOgraphia**, 8(16). 2010.
<https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2006.v8i16.a13521>.

QUINTANA, Mário. **Para viver com poesia**. Globo Livros, 1994.

SANTOS, L.C.; SILVA, G.M.O.; FONTES, T.G.N.T. A literatura como recurso no ensino de geografia: 7º ano do ensino fundamental. In: TRINDADE, G.A.; MOREIRA, G.L.; ROCHA, L.B.; RANGEL, M.C.; CHIAPETTI, R.J.N. **Geografia e ensino: dimensões teóricas e práticas para a sala de aula** [online]. Ilhéus: Editus, 2017, pp. 251-264. ISBN: 978-85-7455-526-3.
<https://doi.org/10.7476/9788574555263.0016>.

VARGAS, M. P. Personagem e Poesia. **Revista USP**, São Paulo, n.50, p. 266-280, junho/agosto 2001.